SERGIO ZURAWEL

ALMA NOMADE

Rodeando o Brasil de Moto

1ª. Edição

VISCONDE DE MAUA - RJ

Edição do Autor

2010

ALMA NOMADE

RODEANDO O BRASIL DE MOTO

Copyright:

Sergio Zurawel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Zurawel, Sergio, 1951
Alma Nômade : Rodeando o Brasil de moto /
Sergio Zurawel. -- 1. ed. -- Visconde de Mauá,
RJ : Ed. do Autor, 2010.
1. Aventuras e aventureiros 2. Motocicletas
3. Viagens 4. Zurawel, Sergio I. Título.
10-11246 CDD-910.4
Índices para catálogo sistemático:
1. Viagens de motocicleta : Narrativas pessoais
910.4

Coordenação de texto:

Anna Gurgel

Fotografias:

Sergio Zurawel

2010

Índice

1. Descendo o Rio Madeira	10
2. A Caminho	20
3. Entrando em Mato Grosso do Sul	28
4. E os planos foram mudando	34
5. Uma Metrópole na Amazônica	42
6. Na correnteza do rio Amazonas	50
7. A estrada segue esburacada	56
8. Festa do boi	66
9. Um Brasil esquecido	74
10. O grande destino: Oiapoque	88
11. Rumo à Belém	96
12. Um dos lugares mais emocionantes	106
13. Alcântara – relíquias e ruínas do Império	114
14. Cruzando a baía de São Marcos	120
15. Lençóis Maranhenses	126
16. Mais encantos: Rio Novo e Paulino Neves	130
17. Parnaíba	136
18. Rasgar o Sertão	140
19. Em direção à Serra da Capivara	148
20. E o sertão virou mar	152
21. Rio de Contas	158
22.Em busca das carrancas	162
23.Pelo interior de Minas	168
24.Liberdade	172
25.Fotos	180 a 194
26.Mapa do Roteiro	195
27.Planejamento	196
28.Planilha de Custos Reais	201

Há tal prazer nos bosques inexplorados

Há tal beleza na solitária praia

Há uma sociedade que ninguém invade

Perto do mar profundo e da musica do seu bramir

Não que ame menos o homem...

Mas amo mais a Natureza.

Lord Byron

Dedico este livro aos meus tesouros

Alessandra, Micheli e Melissa

1

Descendo o Rio Madeira



Estou no segundo andar numa grande e arejada varanda. Já tem muita gente instalada, talvez umas 150 pessoas que parecem não se dar conta da minha chegada. Procuro por ganchos onde possa estender a minha rede. Num espaço totalmente tomado não há escolha e a atravesso no emaranhado colorido de outras tantas. Acho um buraco vazio. Que fazer? Sinto que aqui ninguém se incomoda com privacidade e neste jogo de armar defino o meu ponto e estiro meu corpo sobre a rede que quase toca a do meu vizinho, enquanto o

sol começa a despedir-se da tarde exibindo um céu espantoso de tão colorido!

Sinto que dentro da rede estou em meu território, pronto para começar a viagem a bordo na maior embarcação regional, típica da Amazônia. Com a proa pontuda e popa arredonda é uma barcaça toda feita de madeira pintada de branco, tem 42 metros de comprimento e três andares avarandados cercados por travessões de proteção que delimitam a área de carga e a de passageiros. Outrora, este mesmo barco era chamado de João Pessoa Filho, nome que naufragou junto com ele nas águas de Belém. Depois de recuperado mudou de aparência. Agora atende pelo pomposo nome: General Osório.

A carga a bordo consta, entre as outras quinquilharias dos viajantes, de 350 toneladas de bananas distribuídas pelos porões e pelo primeiro convés deixando um corredor estreito para que possamos atravessá-lo. Minha moto também lá está no porão disputando seu espaço entre geladeiras velhas, caixas de papelão, cachorros, um monte de embrulhos e ferros retorcidos aparentemente imprestáveis, sacolas e engradados. E bananas!

Presto atenção na música ensurdecedora que vem da varanda superior e abafa os barulhos do rio e da floresta. Vem de caixas de sons imensas que irão berrar durante toda a travessia para animar os passageiros. Imagina que paz! Pelo menos, lá em cima a farra parece estar boa! No entanto, tamanha algazarra que atordoa a todos nós, distrai apenas a meia dúzia de pessoas que bebem algo, sentadas nas mesinhas a céu aberto ou encostadas na amurada, com seus olhares perdidos no vazio.

Dentro da embarcação que acaba de partir a movimentação já é intensa na fila formada na popa do primeiro convés, na porta dos dois banheiros, que tem ambos uma privada e um chuveiro e nenhuma preocupação pelo asseio. Ao lado deles está o velho Motor de 350 HP já exausto de tanto cruzar os rios da Amazônia. Muitas vezes em suas andanças deixou de funcionar implorando por descanso merecido. Por um corredor lateral, com bananas atravancando a passagem, chega-se a cozinha e ao refeitório com algumas mesinhas espalhadas. Tudo ali

no mesmo andar, amontoado junto à parte da carga de bananas e outras bugigangas.

Enquanto aguardava para deixar o cais de Porto Velho que leva um nome sugestivo e jocoso de *Cai N'água*, encontrei um tipo fascinante com o qual engrenei um papo gostoso. Suas histórias logo me prenderam a atenção. Ele é um ex-garimpeiro de fundo de rio. Conta-me que o Rio Madeira, pelo qual em breve eu iria navegar, é rico em ouro. Ele trabalhou em uma das muitas balsas que ainda são usadas para revirar a lama do seu fundo em busca do precioso metal. Com roupa de *neoprene*[1] e um cinto de 20 kg de chumbo para mantê-lo submerso, um tanque de oxigênio e um respirador, mergulhava na água barrenta sem enxergar mais do que um palmo diante. Sua faina era direcionar a mangueira, ligada a bomba de sucção da balsa para que sugasse, dos bancos de areia que se formam no leito do rio, a poeira dourada depositada. Chegava a passar 8 horas debaixo d'água! Como não podia interromper o trabalho, quando sentia fome retirava o respirador da boca, por alguns segundo, e sorvia a água barrenta do próprio rio para enganar o estomago. A garimpagem do ouro torna-se um vício, uma obsessão que contamina a todos na busca insana pelo precioso metal. Por conta da exaustão e das condições precárias de um trabalho, que é ao mesmo tempo ambicioso e rude, havia muitas rixas que explodiam em ódio ao ponto de um companheiro cortar com um facão a mangueira de ar do outro e deixá-lo morrer afogado no fundo lamacento do rio. E um número incontentável de vítimas terminava "ancorado" nas barrancas dos rios. Mas, apesar de todas essas mazelas, muita riqueza foi gerada pelo trabalho árduo e de risco desses homens corajosos.

[1] Neoprene - é uma trama feita pela combinação de uma fatia de borracha expandida sob alta pressão e temperatura que quando vulcanizada fica revestida de tecido dos dois lados. Roupas confeccionadas com este material se grudam ao corpo conservando a temperatura interna. É um dos equipamentos básicos - e indispensáveis - para todo mergulhador.

Que figura interessante! Pensando ainda na história completamente inusitada que acabo de ouvir do garimpeiro, estou descendo o Rio Madeira.

Começo a observar a variedades de tipos curiosos que terei como companhia durante as próximas 60 horas previstas para percorrer os 1.200 km que separam Porto Velho de Manaus passando por um labirinto de canais navegáveis, buscando a melhor rota. Há lugares em que pedras começam aparecer devido à temporada de seca na região e os bancos de areia estão à flor da água.

A vida a bordo do barco regional me parece tão rica quanto à riqueza que este rio guarda em suas entranhas! É só olhar ao redor e ir conhecendo as pessoas que puxam conversa como o vendedor de picolé que sofreu um AVC faz pouco tempo e embora tenha ficado com alguma dificuldade para articular palavras não se acanha em colocar nelas um alto astral! Ou então o dentista gaúcho que se tornou vendedor de copos de plásticos. Fico pensando como e por que teria escolhido um destino assim tão curioso. Mas logo me distraio com o hippie indeciso que não sabe como se colocar dentro da aparência que tem e cujo nome, como um arremate de extravagância, não poderia ser outro senão, Lavoisier.

A sensação que tenho é que a maioria das pessoas vindas de fora, como eu, vive sua própria aventura a bordo. Um exemplo disso é o senhor de idade avançada, educado e culto, que veio do Sul do Brasil para o Norte e viajou de um pólo a outro para, quem sabe, conhecer a magia dos opostos. É uma pessoa comunicativa e bem humorada. Sabe contar como ninguém ótimas piadas que fazem a alegria inundar a atmosfera com sonoras risadas cuja duração depende do tamanho da graça. Vindos de toda parte do Brasil, ressalto a presença de personagens exóticas como o simpático, paulista de fala fácil e prolixa que foi já piloto e também garimpeiro. Ao seu lado está o senhor baixinho, com cara de nordestino, que para minha surpresa nasceu no Paraná, e veio para a Amazônia em busca de um sonho não revelado que de certa maneira deu certo, pois nos conta que ganhou muito e perdeu pouco.

Na primeira noite, ao embalo do motor, enrolado na rede como num casulo meu corpo cansado se rende ao barulho dos roncos, suspiros, cochichos e tosses e embarca no sono profundo para, logo depois, despertar estremecido ao som do choro agoniado de uma criança. Perto. Há duas redes da minha. Três irmãos um pouco maiores acordam e ficam bem quietinhos. Seus olhos brilham no escuro. O bebê é embalado pela mãe, uma índia bonita, que tenta acalentá-lo com a calma habituada das mulheres sábias, acostumadas a criar seus filhos sem sobressaltos, com doçura e mansidão. A noite está clara. Estamos iluminados pela lua cheia que deixa um caminho prateado pelas águas do rio. Por causa da sua claridade posso perceber que ela desnuda um dos seios. Penso:- A criança deve estar com fome e depois de mamar, há de dormir sossegada!

Milagre! Silencio total. A criança se acalma. E durmo pesado.

Tenho mais dois dias e meio pela frente, isto é, se tudo correr fácil como o planejado.

Quando o dia começa a clarear recebo de presente mais um espetáculo tão emocionante como o por de sol do dia anterior. Sinto um cuidado delicado em cada nova cor que surge para adornar um céu ainda azul bem escuro. Tons de roxo, vermelho, rosa, suavemente vão se expandindo em matizes de gradações cada vez mais coloridas e brilhantes. Veios dourados aparecem sublinhando pequenas nuvens que se destacam sobre um azul cada vez mais intenso. E, de repente, lá está ele! Sua luz desponta escandalosa numa bola imensa alaranjada que explode em intensa claridade e define a paisagem que nos cerca. Estamos mais próximos de uma das margens desse imenso mar de água doce e agora posso olhar melhor para a cortina da mata fechada, tão densa e vigorosa, esbanjando seus vários tons de verde em folhas que cintilam como brilhantes cobertas ainda pelas gotas de orvalho da noite que passou. Penso. Para se entrar numa floresta tão sagrada assim é preciso, no mínimo, se pedir licença! Quanta vida e quanto mistério se escondem entre os galhos de árvores altíssimas e plantas que tecem uma renda de folhagens diversas no solo. Os bichos estão acordando junto comigo. Os pássaros começam a deixar os abrigos da noite e se lançam elegantes e soberbos pelos ares que cruzam o rio.

Vejo a revoada de araras azuis, barulhentas, despertando os que ainda dormiam. Aqui e ali ouço os cantos diversos da alvorada. Um festival de sons melodiosos e desconhecidos que se encaixa no ritmo constante das águas sendo cruzadas por nosso barco. Tantos aromas e, tantas cores vão inundando os meus sentidos que querem registrar tudo. Ribanceiras arenosas, barrentas ou cheias de vegetação rasteira. Lindas aves coloridas. É muita beleza!!! Só quem é apresentado pela primeira vez à tamanha exuberância sabe o que eu estou querendo dizer.

E logo vem o simpático menino que percorre o convés gritando: Olha o café, olha o café!

Meus vizinhos se levantam num burburinho que desperta as crianças sonolentas. Então reparo que um deles dormiu com uma das prostitutas que viajam e que trabalham a bordo, sendo aceitas com extrema naturalidade, sem censura ou preconceito. É notório que no barco existe uma tolerante cumplicidade. Para quase tudo. Quando o som compassado do motor é entrecortado pelo barulho ensurdecedor do calipso brega, a música regional que é de agrado de quatro ou cinco que se reúnem no convés superior e para sua festa particular diária, sou tomado por certa irritação.

Desço ao primeiro andar. Como pode a cozinha ficar justamente do lado dos banheiros? Em fila, somos servidos de café e pão. Cada um procura se acomodar numa das mesinhas que estão espalhadas pelo avarandado da popa, Ficamos por ali aproveitando a brisa fresca da manhã e jogando conversa fora.

Neste segundo dia, a convivência já tem sabor de rotina, as redes já se encaixaram como num jogo de quebra-cabeça. Cada um conhece seu lugar e seu espaço e tudo parece normal: as brincadeiras e a correria da criançada. Mas acontece que o barco vai recolhendo mais gente, com suas bagagens e redes, nas povoações ribeirinhas aonde o barco vai parando. Mais invasão. Mais pessoas desconhecidas sobem a bordo quando atracamos. Não sei como, os novos passageiros vão se incorporando a grande trama que já se formou no segundo pavimento.

Na hora do almoço o ritual diário do menino correndo para avisar a todos os passageiros: Olha o almoço! Olha o almoço! E de novo a espera na paciente fila. Dentro da cozinha podemos nos servir a vontade de arroz e feijão, mas o frango que é o prato principal das refeições é distribuído comedidamente pelos cozinheiros, para que todos possam receber o seu quinhão.

À noite, o jantar me parece mais pobre, a comida mais escassa. Mas assim mesmo, estiro-me em minha rede, satisfeito. Observo que, do pavimento superior começam a voar ininterruptamente, cascas de banana. Tem gente que ficou com fome e que resolveu detonar a carga do nosso barco! Acho engraçado e fico rindo sozinho, para adormecer em seguida embalado pelo choro lamentoso da criança pequena pedindo, de novo, o peito da índia mãe, o ranger aqui e ali de uma rede e por alguns ruídos das pessoas se ajeitando para passar a noite.

Acordo de madrugada. Está tudo quieto demais. Tanto silêncio assim me parece estranho. Com os ouvidos treinados pela minha profissão de piloto descubro em seguida. O motor parou de funcionar! Estamos à deriva na corrente do Rio Madeira, próximos da margem e dos bancos de areia.

Já havíamos passado por isso durante o dia, mas no escuro da noite a coisa fica preta, literalmente! São 350 toneladas de carga levadas pela correnteza rio abaixo. Fico apreensivo e vou acompanhar a movimentação da tripulação, incansável, que desta vez terá que improvisar o conserto do radiador que está vazando. Na tarde anterior tivermos problemas com os cabos e as correntes de comando do leme que se partiram. Duas horas depois, às 5 horas da manhã voltamos a navegar. Ufa! Sãos e salvos.

Depois do café da manhã atracamos em Nova Olinda, um povoado que tem um número maior de casas sob palafitas, na margem direita do Rio Madeira. Muita gente desce neste lugarejo e agora o número de redes fica bem menor. O salão de dormir fica mais arejado. Há mais espaço para respirar! Procuro um novo local onde possa amarrar a minha rede e ver a paisagem. Mas dentro da própria

embarcação novas distrações também acontecem. Há personagens originais nessa leva que acaba de embarcar que aos poucos vai se dando a conhecer. Temos agora um vendedor de roupas a bordo. Uma figura! Com pele castigada, fala mansa e cabelos negros como as penas da graúna, tingidos obviamente, pela vaidade de esconder os fios brancos, tem uma lábia sem par para valorizar sua profissão.

Minha atenção é desviada para outra peça rara que conheço no almoço: a mocinha que esconde os cabelos com uma bandana feita de um lenço estampado com a bandeira dos Estados Unidos e que tem planos mais ousados para o futuro. Sonha em cursar faculdade em Manaus e como todo jovem, transpira a esperança de que tudo vai dar certo e que será muito feliz. Deus queira! Junto dela está o Mestre da embarcação que não vê hora de chegar à Manaus, terminar esta viagem e passar o barco para outro comando. E ali adiante está outro menino que embora tendo a mesma idade do que trabalha na cozinha, ainda chupa chupeta e vive apanhando da avó, sempre irritada com suas birras e travessuras.

Entretido com essas novidades nem vejo a hora passar. Logo escutamos o garoto anunciando: olha o almoço, olha o almoço! Sento para almoçar e observo que nosso barco faz um giro de 90 graus, muda de rumo e começa a abandonar o Rio Madeira. Está entrando no chamado Paraná do Rio Madeira onde as águas se misturam com as do Rio Amazonas, buscando uma navegação em águas mais tranqüilas.

Estamos em pleno "rito de passagem". O valente e cansado motor agora vai ter que trabalhar em dobro para navegar no Rio Amazonas. Precisa vencer a correnteza rio acima. E, imaginem! Nossa velocidade que já era de apenas 19 km/h, cai para 5 km/h. Tal informação tão precisa me foi dada pelo paulista aventureiro, aquele que já foi piloto e garimpeiro, que faz a travessia equipado de um GPS.

O cenário muda! Sente-se que o volume de água "engordou" bastante. As margens estão alagadas em conseqüência do degelo nas distantes cordilheiras dos Andes onde o Amazonas nasce. O maior rio da Terra tanto em volume d'água como em comprimento (tem 6.992

km de extensão) tem sua origem no rio Apurimac que vem de uma nascente no alto da parte Ocidental da Cordilheira dos Andes, ao sul do Peru[2]. E é possível sentir a força com que cruza a Amazônia. Embora a paisagem vista de cima uma embarcação pluvial pareça sempre igual, há uma mudança na atmosfera. O ciclo aqui é diferente do que ocorre no Rio Madeira. A forte correnteza que temos que vencer parece que faz uma oposição à embarcação querendo deter nossa passagem a qualquer custo. Mas o "General Osório" não se deixa intimidar.

Durante o almoço, comemos apenas pescoço e costelas de galinha, ainda que tudo muito bem temperado! O resto da galinha por onde anda? A quantidade do que nos é servido está ficando cada vez mais escassa. Ainda mais agora! Está correndo a boca pequena que o estoque da comida está "nos finalmente". A despensa está ficando vazia. O jeito é atacar as bananas que, ao que parece, vai ser a palavra de ordem daqui pra frente.

Nem terminamos ainda de almoçar e as correntes do leme se partem! O barco meio que desgovernado gira sobre si mesmo, felizmente para o lado oposto ao da margem, evitando com isso o choque que nos traria danos bem maiores. Nem é bom pensar!

Com o motor reduzido, a tripulação lá se foi descendo desabalada, mais uma vez, para o porão imundo e abafado. Terá que emendar algum pedaço de alguma coisa em algum lugar escuro e de difícil acesso para que a viagem prossiga.

E tome cascas voando, a tarde inteira, por todos os lados pelas amuradas da embarcação! Um verdadeiro Festival da Banana!

Pelo andar da carruagem, com essa velocidade tão baixa chegaremos somente à Manaus, amanhã. Mais uma noite, que se há de fazer? Entretanto, para muitas pessoas ansiosas de chegar ao seu destino pode fazer toda a diferença. Sabe-se lá! Muitas começam a desmontar e enrolar suas redes e juntar sua bagagem, isto demonstra

[2] Dados colhidos na Wikipédia – A Enciclopédia Livre.

que estão ansiosas para pisar em terra firme. Outras, sem compromisso com o tempo, como eu, continuam deitadas e relaxadas, meditando ou observando a Natureza exuberante, navegando em idéias, sonhos, planos e desejos pelo Rio Amazonas!

E quatro dias se passaram para que aportássemos num outro mundo!

14/06/03

2

A caminho...



Claro que minha viagem não começou nem acabou nessa experiência aquática maravilhosa pelo rio Madeira e Rio Amazonas, de Porto Velho à Manaus. Ela começou muito antes, dentro da minha cabeça, como sempre acontece.

Primeiro tenho que estar a caminho... Do caminho. Para mim este momento é o mais importante. O caminho é iniciado quando a

idéia surge. Nasce com ela. Ainda é um embrião, a semente que brotou que passa a ter vida dali em diante.

Começo a caminhar na imaginação e vou viajando por esta estrada durante muito tempo antes de começar a fazer planos concretos.

O tempo para amadurecer a idéia, para que possa definir as etapas da caminhada se anuncia quando as primeiras pesquisas, a coleta de dados, a busca por informações pertinentes começam a indicar viabilidade.

Depois de um levantamento se formam as primeiras definições colocadas no papel, os estudos e as possibilidades de como, e quando, realizar o projeto que desta vez era o de rodear o Brasil pilotando uma moto Honda, com motor de 125 CC. Por que não um veículo mais adequado, uma moto mais poderosa, por exemplo, algo mais apropriado para a ousadia de traçar uma viagem pouco convencional visando percorrer durante meses e meses as estradas, trilhas, atalhos desse nosso país, grandioso e ainda tão rústico em termos de rodovia? Descobri que havia encanto na simplicidade de vencer um grande desafio da forma mais singela possível. E mais adiante neste relato conto detalhes de como cheguei a esta conclusão.

Costumo ressaltar a importância dos alicerces que irão sustentar a aventura. Devem ser firmes e capazes de garantir qualquer tipo de embate. Aliás, costumo repetir uma frase que define bem a seriedade do meu posicionamento ao enfrentar uma experiência de tamanha monta com todos os riscos e peripécias que podem acontecer durante o percurso: "A aventura pode ser louca, mas o aventureiro jamais!" [3] É importante saber exatamente ao que se vai ficar exposto. A aventura não é um vôo cego, um mergulho no escuro sem "lenço nem documento". Claro, muitos fatores são imprevisíveis, mas, se possível deve-se levantar o maior número de informações de como proceder e controlar situações que não estavam no programa e que,

[3] Palavras de GILBERT KEITH CHESTERTON.